

A utilização do *blog* e de recursos midiáticos na ampliação das formas de comunicação e participação social¹

Carla Regina Silva^a, Isadora Cardinalli^b, Roseli Esquerdo Lopes^{a,c,d}

^aDepartamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

^bUniversidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

^cPrograma de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

^dPrograma de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Trata-se da análise da utilização de recursos midiáticos e interativos para a potencialização de sujeitos em situação de vulnerabilidade com a ampliação das possibilidades de comunicação e de participação social, partindo-se do relato da experiência de um projeto de extensão universitária que propôs a elaboração e a utilização de um *blog*, entre outros recursos midiáticos, em Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos que integram uma intervenção da Terapia Ocupacional Social com jovens pobres. Tal experiência permitiu a ampliação do repertório de atividades dos jovens, promovendo o conhecimento sobre conceitos, equipamentos e técnicas, antes pouco disponíveis, acessíveis e utilizados. Os registros dos conteúdos do *blog* puderam ser feitos de forma participativa, gerando reflexão acerca de papéis e identidades. Estar e fazer no espaço virtual permitiu que ações e produções reais dos adolescentes e jovens fossem potencializadas ao se “virtualizarem”, proporcionando uma dimensão que nem sempre é possível conquistar no “real”. As publicações no *blog* resultaram numa autovalorização da população, criando lugares de pertencimento para sujeitos sociais singulares, com direito à cultura, à comunicação e à tecnologia. Consequentemente, houve a potencialização dos sujeitos, a partir da ampliação da participação social e da conquista de novos meios de comunicação, que expandiram suas fronteiras socioculturais. Ademais, trouxe uma ampliação do escopo de recursos para a ação em Terapia Ocupacional Social, abrindo espaços, reais e virtuais, para vivências coletivas, para a sociabilidade e para a compreensão e transformação dos significados sobre a vida e sobre a realidade em que se vive.

Palavras-chave: *Blog/Recursos Midiáticos, Participação Social, Terapia Ocupacional Social.*

Using the *blog* and media resources for the expansion of forms of communication and social engagement

Abstract: The present study analyzes of the use of media and interactive resources for the empowerment of individuals in vulnerable situations to expand their possibilities of communication and social participation, starting from the report of the experience of a university extension program, which proposed the development and use of a *blog* among other media resources, in workshops activities, Dynamics and Projects that integrate an intervention of social occupational therapy with the poor youth. This experience allowed the expansion of the repertoire of activities of the youth, promoting awareness of concepts, techniques and equipment, previously little available, accessible and used. The records of the contents of the *blog* were done in a participatory manner, generating reflection on roles and identities. Being and doing in virtual space allowed actions and real productions of adolescents and youths to be empowered when “virtualized”, providing a dimension that is not always possible to achieve in the “real” context. The

blog posts resulted in a self-valorization of the population, creating places of belonging for particular social subjects, with the right to culture, communication and technology. Consequently, there was the empowerment of subjects, from the increasing social participation and achievement of the new media, which expanded their sociocultural boundaries. Moreover, it offered an expansion of the scope of resources for action on social occupational therapy, opening spaces, real and virtual, for collective experiences, for sociability and the understanding and transformation of meanings about life and about the reality in which we live.

Keywords: *Blog/Media Resources, Social engagement, Social Occupational Therapy.*

1 Introdução

A Terapia Ocupacional intervém nos processos de informação e comunicação dos sujeitos, em suas ações, reações e interações pelas quais eles se reconhecem, apresentam e interpretam seu mundo. Compreende-se o sujeito como um ser histórico, social e político, capaz de atravessar barreiras físicas, espaciais, sociais, culturais, econômicas etc.; assim, investe-se na exploração de experiências significativas e modificadoras da ação e da comunicação, que podem levar ao desenvolvimento de novos papéis, novas relações e ao fortalecimento pessoal e social dos indivíduos (LOPES, 2006).

A atividade é um instrumento para a atuação do terapeuta ocupacional, fundamental para o estabelecimento e mediação da relação com o sujeito, individual ou coletivo, e funciona como um eixo agregador da prática (SILVA; LOPES, 2009; LOPES et al., 2011a).

Toda atividade humana está inserida em uma realidade social, portanto, ao realizar uma atividade, o homem criador não está exclusivamente exprimindo seus próprios sentimentos, mas projetando nela tudo aquilo que percebe como próprio dos homens de sua época e lugar, em outras palavras, do seu contexto cultural e que afetou, direta ou indiretamente, a sua experiência pessoal (CASTRO; SILVA, 1990, p. 74-75).

A Terapia Ocupacional Social toma a cidadania como eixo centralizador da ação do terapeuta ocupacional e desenvolve sua atuação em busca do fortalecimento das redes sociais de suporte de indivíduos, grupos e comunidades, as quais, no seu âmbito público e dentro de uma determinada situação histórica, devem garantir o acesso a bens e serviços que constituem os direitos sociais, em busca, ainda, da ampliação da autonomia e da participação social (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007a).

As atividades nesse campo contribuem para a construção de relações que lidam com os desafios da convivência, na medida em que sejam capazes de

criar um ambiente “[...] onde se possa protagonizar a experiência/vivência de uma nova forma de estar, de relacionar-se com o outro, de conviver [...]” (LOPES, 2006, p. 11). A partir da atividade e dos processos que desencadeia, é possível aproximar-se, conhecer e entrar no universo dos sujeitos e construir, juntamente com eles, planos e projetos que tenham lugar em suas vidas (LOPES et al., 2011b).

Outro elemento importante, que deve ser considerado na formulação da prática terapêutica-ocupacional, é a cultura impregnada nas ações dos sujeitos, sendo essas reflexos dessa cultura; portanto, interagimos com ela, seja na interpretação da situação, seja na busca de significados atribuídos às coisas e às relações (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007a) ou, igualmente, na escolha de atividades culturalmente pertinentes e valorizadas pelo sujeito, grupo ou comunidade aos quais se direcionam (BARROS; ALMEIDA; VECCHIA, 2007).

Na atualidade, é inegável a crescente utilização de novas mídias, assim como da rede mundial de computadores (internet)², visto que possibilitam uma comunicação capaz de interligar territórios, mas também de distanciá-los, devido à quantidade e qualidade do acesso e do domínio dessas ferramentas para cada um. A proposta em torno da utilização da internet como recurso para a Terapia Ocupacional Social, assim como a reflexão que dela advém, parte dessa questão ambígua, lidando com a importante tarefa de construir “novas” metodologias participativas para a intervenção e produzir tecnologias e saberes na área.

Contudo, muito ainda há que ser realizado para que seja possível a democratização dos meios de comunicação e das tecnologias a eles relacionadas. É necessária uma política integrada de comunicação para a cultura que vise fomentar iniciativas que ampliem o exercício do direito humano à liberdade de expressão cultural e do direito à comunicação, sobretudo de grupos que, historicamente, possuem maiores dificuldades de acesso a esses bens sociais, tal como a juventude pobre.

Essa necessidade é apontada no Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2011), que apresenta 14 diretrizes para se pensar o papel do Estado e a participação social, a proteção e promoção da diversidade artística e cultural, o acesso aos bens culturais e o desenvolvimento socioeconômico sustentável. Em especial, a meta 47^a aponta a demanda e a necessidade de 100% dos planos setoriais com representação no Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC), em suas diretrizes, no que se refere a ações e metas voltadas para infância e juventude.

A juventude pobre brasileira é considerada bastante vulnerável, vivenciando enorme desvantagem social no Brasil, além de carregar marcas sociais que a estigmatizam (LOPES, 2006). Isso ocorre porque possui menor grau de escolaridade e experiência profissional, menor acesso ao mundo do trabalho, pouca qualificação, maior propensão a sofrer violências, desde acidentes³ a suicídios e homicídios, incluindo mortes por armas de fogo (WAISELFSZ, 2013). Essas condições se influenciam mutuamente, gerando um ciclo de inserção precária ou de exclusão do mercado do trabalho e uma conseqüente procura pela economia informal (LOPES; SOUZA, 2010), além da grande parcela que vive em situação de rua, vítima de exploração do trabalho infantil, de violência doméstica (física, sexual e/ou psicológica), de violência urbana ou mesmo de negligência. Cotidianamente, crianças e jovens pobres no Brasil convivem com situações em que seus direitos fundamentais são violados, entre eles o direito à educação, à convivência familiar, à saúde, ao lazer, à cultura e ao esporte (LOPES et al., 2008).

Diante desse quadro, a juventude se encontra em uma realidade de significativa vulnerabilidade social, “[...] na qual as perspectivas de projetos de futuro são, muitas vezes, fugazes e longínquas [...]” (LOPES, 2006, p. 9). Por isso, na atuação com essa população, buscam-se o estabelecimento de diálogo e de vínculos de confiança e de respeito (SENNETT, 2004), a produção de tecnologias sociais, a criação de espaços de participação mais democráticos, a efetivação da autonomia dos sujeitos (LOPES et al., 2010).

2 Participação social e comunicação

De acordo com a visão de Ammann (1981 apud SANTOS; GRÜN, 2005), qualquer ser humano exerce alguma participação na sociedade, o que

difere é a forma dessa participação. *Participação* origina-se de *parte*, ou seja, participar é fazer *parte*, tomar *parte* ou ter *parte*, o que, por sua vez, está intrinsecamente relacionado com o significado da palavra *política*, afinal, a vida na *polis* exige a participação dos sujeitos (DIAZ BORDENAVE, 2006; VASCONCELOS, 2007).

Paulo Freire (2010, p. 77) explica que conscientizar-se “[...] implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” Com a prática ativa, o diálogo e a reflexão crítica pode-se libertar o pensamento dos homens, uns com outros, “[...] na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano [...]” (FREIRE, 2010, p. 75) e, assim, construir e reconstruir valores, proporcionar uma maior consciência acerca dos direitos humanos fundamentais e da cidadania, modificando a compreensão do mundo e do funcionamento das próprias formas de comunicação (PERUZZO, 2002).

Ressalta-se a relação entre a ampliação da participação social dos indivíduos, a tomada de consciência da realidade em que se encontram, a construção e valorização de uma postura ativa, a elaboração do sentimento de pertencimento e a conquista de novos papéis, além da redução do processo de desigualdade e da garantia de diferentes possibilidades de acesso à informação, à comunicação, aos serviços e equipamentos. Relação essa que contribui para transformações sociais.

A comunicação⁴, entendida como o canal pelo qual os padrões de vida de uma cultura são transmitidos e as pessoas se tornam membros de uma sociedade, “[...] é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social [...]” (DIAZ BORDENAVE, 1997, p. 19).

Quando surgiu, a informática foi considerada a grande invenção, devido à união de um meio de comunicação com o processamento de dados. Os microcomputadores garantiriam o alcance de “qualquer pessoa” aos recursos informativos de bancos de dados distribuídos por qualquer país (DIAZ BORDENAVE, 1997). Tornou-se possível a *qualquer pessoa* (não necessariamente especialista) o acesso à tecnologia e à informação, mas não foi garantido a *qualquer pessoa*, pois esse acesso nunca foi democrático, visto que só é feito por quem detém condições econômicas, culturais e sociais que lhe possibilitem a aquisição ou a aproximação com os instrumentos e com a rede de dados, que ampliam enormemente sua potencialidade a partir da rede mundial de computadores, da internet⁵.

A rede social do ciberespaço possui três dimensões relevantes – temporal, espacial e social: 1) a transmissão das mensagens é feita em tempo real e é possível acessar informações que foram divulgadas em diferentes épocas; 2) o canal transcende as fronteiras espaciais de redes presenciais, dando origem a territórios virtuais, o que possibilita a ampliação das fronteiras comunitárias e locais para o plano global; 3) permite a articulação entre grupos, coletivos e movimentos sociais com maior amplitude e velocidade, “empoderando” novos atores para a divulgação e a troca de informações (SCHERER-WARREN, 2006).

Dessa forma, a rede mundial de computadores, por amplificar as dimensões de tempo, espaço e sociabilidade, possibilita que determinado conteúdo disponível, em ferramentas como as redes sociais virtuais ou os *blogs*, por exemplo, possa ganhar nova potência e significado com sua virtualização.

O *blog*⁶ é um importante sistema de disponibilização de conteúdos, pouco complexo e rápido, o que possibilita a construção de páginas sem exigir conhecimento técnico. Isso contribuiu para a ampliação do número de usuários e leitores/receptores. Entretanto, com o envolvimento e acompanhamento do *blog*, há a possibilidade de a relação virtual evoluir para uma troca mais complexa, quebrando barreiras e aproximando virtualmente longas distâncias e territórios reais.

O conhecimento acerca da informática, como ferramenta tecnológica, pode ser considerado um componente cultural de determinado(s) grupo(s). Isso porque a informática, apesar de significar uma cultura das tecnologias modernas e um modo de expressão das ações humanas, apenas influencia e é influenciada por determinados grupos sociais. Ou seja, a cultura da informática se relaciona com todas as instâncias da ação humana, mas também mantém uma relação condicionada com o meio social (AMARILLA FILHO, 2008).

A utilização de meios de comunicação, ou de mídias, quando conquistada, pode ser um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, civil, política e socialmente, já que promove diferentes formas de circulação, participação e acesso a bens sociais. Adquirir novas formas de comunicação proporciona uma mudança no modo de ver o mundo e de se relacionar com ele, já que agrega novos elementos culturais (PERUZZO, 2002).

Diante desse quadro, a conquista de novas formas de comunicação, por determinados grupos, significa a possibilidade de expressão para quem

geralmente é “impedido de falar”, em decorrência de condições desiguais de acesso e participação (SANTOS, 2007). Também remete à valorização desse conteúdo expressado, no caso da internet, devido à relação entre o real e o virtual, pois o que estiver presente na rede virtual deixa de existir apenas no aqui e agora (real) e ganha uma nova dimensão no tempo e no espaço. A dimensão do virtual, sem limites e fronteiras, torna possível o que nem sempre pode ser no real, garante uma potência que emerge e flui do virtual, refletindo, de volta, no real (AMARILLA FILHO, 2008), possibilitando a reconstrução e ressignificação das histórias dos participantes envolvidos no processo (SANTOS, 2007).

Não obstante, é importante considerar que não basta promover ações que democratizem o acesso às tecnologias de informação e comunicação (rádio, jornal, televisão, internet etc.) e ao discurso propagado por elas; é necessário desenvolver formações e mecanismos que favoreçam a aquisição de habilidades para que se possa processar criticamente a informação.

3 Desenvolvimento das ações

O projeto Talentos Juvenis do Gonzaga⁷ foi elaborado para promover espaços de criação e emancipação bem como fomentar a arte e a cultura, desenvolvendo ações nas Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social frequentadores do Centro da Juventude Elaine Viviane. As *oficinas*, a priori, buscam conhecer o universo dos participantes, aumentar a possibilidade de criação de vínculos e contribuir para a construção conjunta de planos futuros e projetos de vida (LOPES et al., 2011b), além de desenvolver e despertar habilidades e potenciais dos participantes. Elas exploraram a experimentação de diferentes recursos para a geração de produções artísticas, literárias, imagéticas, entre outras.

A partir dessa proposição, vislumbrou-se o trabalho com recursos midiáticos e a criação de um *blog*. A criação, alimentação e manutenção do *blog* tiveram como objetivo inicial a divulgação e contemplação das produções dos participantes e de todo processo vivenciado por eles durante as *oficinas*. Dessa forma, poderia representar um canal para um tipo de retorno desse processo para os adolescentes e jovens participantes, que poderia ser acessado por qualquer pessoa envolvida, diretamente ou não (referência a ser incluída posteriormente ao parecer por questão de identificação). Ressalta-se

que, apesar de o *blog* ser um dispositivo amplamente utilizado e difundido na atualidade, ele não estava presente no cotidiano desse grupo, assim, constituiu uma nova tecnologia na vida dos participantes.

Para sua implementação, o primeiro passo foi o planejamento para criar o *blog*, desde sua estética até o conteúdo a ser divulgado, logo em seguida, a criação foi materializada e a ferramenta já estava *on-line*. Assim, o *blog* começou a exibir postagens (publicações) de fotos de produções e do processo vivido nas *oficinas*, inclusive outros registros fotográficos protagonizados pelos jovens (Figura 1).

Ressalta-se que a etapa de divulgação do *blog* para os adolescentes e jovens era essencial e ocorreu durante todo o processo, por meio de cartazes e diálogos informativos que estimulavam a criação e a participação. As atualizações das publicações eram planejadas e compartilhadas entre a equipe de trabalho e intentava exibir os produtos e materiais das *oficinas*. As fotografias⁸ se destacaram como principal recurso de produção divulgado no *blog*

(Figura 2), mas outras produções começaram a ser publicadas, tais como composição de imagens realizadas em programas de computador, obras literárias e outras produções textuais, paródias e comentários sobre filmes, por exemplo.

O contato com a linguagem fotográfica vai além do registro de imagens, influencia no desenvolvimento de uma nova perspectiva de vida, proporciona um novo olhar sobre a realidade (SECOTTI, 2007). Através do vetor fotografia, é possível

[...] despertar a importância da memória social, incentivar o desenvolvimento do senso crítico e da autoestima dos sujeitos e das comunidades, além de propiciar um suporte para a expressão da criatividade e do caráter lúdico das pessoas (SECOTTI, 2007, p. 160).

Para que pudéssemos ampliar as possibilidades do *blog* era essencial torná-lo familiar entre os participantes e intencionávamos converter seu



Figura 1. Página do blog Talentos Juvenis do Gonzaga, exibindo postagem de 16 de julho de 2010.



Figura 2. Imagens fotografadas pelos participantes durante o processo das oficinas.

uso de forma autônoma. Para tanto, a divulgação sobre a ferramenta feita pela equipe de trabalho foi fundamental, com explicações sobre seus usos e sentidos.

A partir do momento em que alguns participantes foram conhecendo e compreendendo a função da ferramenta, foi possível propor a eles um papel mais ativo no processo de publicação de materiais. Isso levou ao maior envolvimento dos participantes, quando começaram a contribuir, ainda que gradualmente, na manutenção do *blog*, selecionando e postando fotografias, inserindo legendas, dentre outras atividades. A participação tornou-se mais significativa para eles pela apropriação da ferramenta, ou por sua identificação e seu reconhecimento com/na mesma.

Para estimular o contato e a utilização do *blog*, em um acordo com a direção do Centro da Juventude, foi disponibilizada a sala de informática uma vez por semana para a promoção das *oficinas* do METUIA/UFSCar; da mesma forma, foi autorizado salvar a página do *blog* como página inicial dos navegadores, ampliando-se sua divulgação e acesso.

Com isso, foi possível melhorar consideravelmente a quantidade e a qualidade da utilização da ferramenta pelos jovens, que divulgavam “seu mundo” na rede mundial de computadores. Em uma das *oficinas*, por exemplo, foi produzido e publicado um texto reflexivo de um jovem cujo processo de redação contou com o ensino, o apoio e o auxílio de parte da equipe, uma vez que esse jovem

se encontrava em fase pré-silábica de alfabetização, concretizando a potência dessa ferramenta, que viabilizou a publicação de um texto autoral também para esse jovem.

A variedade de conteúdos postados aumentou, o *blog* também passou a divulgar eventos e textos reflexivos influenciados pelo momento, como a questão das ações e opções políticas em um período eleitoral (Figura 3). O desenvolvimento de opiniões sobre o vivido e temas da atualidade permitiu a construção de um olhar para o entendimento sobre a realidade, mediatizado pelas experiências de cada um. Ao vivenciar ativamente o processo, dialogar e conscientizar-se, criam-se estratégias para transformação do sujeito e da realidade em que se vive (FREIRE, 2010).

A oportunidade de publicar comentários sobre as postagens representava um grande estímulo, visível à medida que os jovens descobriam os comentários feitos por outras pessoas, sobretudo em suas postagens. Era notável a mudança de postura e expressão ao descobrirem que alguém “olhou” para suas expressões e deu importância ao que foi feito por eles. Essa característica de estar “em contato” com o outro através do *blog* estimulou vários jovens a abrirem contas/perfis em *sites* de redes sociais, ampliando o contato com realidades externas e, muitas vezes, distantes, colocando-se em papel de sujeito que faz parte, que participa.

Mesmo com o desenvolvimento do projeto, ainda se constatavam dificuldades na compreensão da ferramenta *blog* e de sua repercussão virtual.



Quem inventou a política está vendendo ilusão

Porque será que os políticos fazem tantas promessas e não conseguem cumprir? Para onde vai todo o dinheiro que eles têm nas mãos? Com esse dinheiro poderiam fazer mais moradia para quem precisa e melhorar os serviços de saúde.

Muitos falam que vão construir escolas e não constroem. Prometem que vão aumentar o salário, mas ele continua um absurdo, não é suficiente para o trabalhador. Trabalhador que trabalha noite e dia por esse salário absurdo. Não é justo ganhar R\$530 por mês e usar

Figura 3. Texto reflexivo publicado em 24 de setembro de 2010.

Além disso, vislumbrávamos maior autonomia dos jovens na produção e divulgação no *blog*. Sendo assim, em 2011, o foco do projeto esteve voltado para a utilização e o desenvolvimento do domínio dessa ferramenta pelos jovens.

Além da manutenção das estratégias propositivas, organizou-se uma *oficina* de sensibilização a páginas virtuais e ao *blog*, com seus elementos, como os *posts* (postagens), os comentários e a promoção ao uso da internet. Trabalhou-se com os participantes algumas diferenças entre *blogs* e outros tipos de páginas da internet (*sites*), tomando-se o que eles próprios observavam. O objetivo foi exercitar a percepção com relação a itens e características de um *blog*, para que os jovens se familiarizassem com seus elementos. Essa atividade foi rica, uma vez que conseguiram perceber e distinguir características e construir coletivamente uma opinião sobre o tema.

Outra alternativa foi a realização de Oficinas de Cinema, com a utilização de outro recurso audiovisual⁹, abrangendo a descoberta de curtas (filmes de curta-metragem) e a aprendizagem de técnicas de animação com fotografias colocadas em sequência para gerar movimento (Stop Motion e Pixelation). Os vídeos resultantes de cada técnica foram postados no *blog* (Figura 4).

Ao receber informações audiovisuais “[...] o receptor se encontra com o olhar de outra pessoa [...]”, pois “[...] enquadramentos, movimentos e posicionamentos de câmera revelam os recortes de mundo de outro indivíduo [...]” (SOCIEDADE..., 2010, p. 112).

Também foi trabalhado nas *oficinas* o recurso fanzine¹⁰, que estimulou a criatividade dos participantes para escreverem, desenharem e utilizarem diversas técnicas na transmissão de

um tema escolhido. Os participantes optaram por desenvolver essa experimentação, principalmente, com as técnicas já utilizadas nas *oficinas*: *blog*, vídeos e fotografia.

Foi proposta a capacitação de jovens que quisessem elaborar e utilizar a ferramenta *blog* independentemente, mas percebemos que, por mais que a ferramenta fosse avaliada por eles como interessante, apenas dois jovens demonstraram disponibilidade para aprender sobre a gestão do *blog*. Assim, iniciou-se, em formato de acompanhamento individual (SILVA, 2012), a capacitação desses jovens. Todavia, um deles precisou desistir da capacitação por causa de outras atividades externas ao Centro da Juventude, de caráter empregatício, mantendo-se o trabalho com o jovem J., de 17 anos, que demonstrou interesse em criar seu próprio *blog* para divulgar informações de seu interesse.

A princípio, vários *blogs* foram visitados para que se construísse um repertório de exemplos, os quais geraram reflexões sobre as diferentes características entre eles. Posteriormente, utilizando-se o *blog* do projeto Talentos Juvenis do Gonzaga, foram trabalhadas as possibilidades de elaboração, caracterização e modificação “por dentro”, ou seja, todas as opções que o blogueiro tem para configurar e personalizar sua página.

Compreendendo as funções técnicas do *blog*, J. pôde iniciar a elaboração de seu próprio diário virtual. Foi feito um exercício de reflexão sobre o tema escolhido para o *blog*, sobre o que as descrições do autor e do próprio *blog* deveriam conter. Essa reflexão partiu da própria história de vida de J. e do que ele gostaria de contar para as pessoas, enfim, significou uma reflexão própria acerca de sua trajetória. Nesse processo foi necessário primeiro realizar uma interiorização (com relação ao



Figura 4. a) Pixelation, postado em 7 de junho de 2011; b) Stop Motion, postado em 22 de julho de 2011.

mundo privado do jovem), para que houvesse uma exteriorização (para o espaço público da internet).

Sobre essa relação entre os espaços público e privado, da mesma forma que um *blog* torna um conteúdo privado público, ao transmitir algo particular do autor também permite ao leitor tomar privadamente algo que está público na rede. Isso porque a internet proporciona ao usuário o acesso a sítios virtuais do mundo inteiro, selecionar conteúdos que o interessem e passá-los para seus próprios arquivos pessoais. Ou seja, o que está disponível em uma memória geral e pública pode ser integrado ao “arquivo pessoal” (SCHITTINE, 2004).

O *blog* requer publicações com certa frequência para manter os leitores interessados, necessitando de postagens atualizadas. Todos os *posts* são, automaticamente, guardados na memória do próprio *blog*. Essa página/memória inclui contribuições não apenas advindas das postagens do autor como também dos comentários de seus leitores. “É um arquivo pessoal e plural e, por isso, uma memória individual e também coletiva” (SCHITTINE, 2004, p. 128).

Finalmente, com J. foi possível efetivar a capacitação para o domínio do recurso *blog*. Com dificuldades, facilidades, limites e particularidades, ele teve interesse em aprender a utilizar um *blog*, descobrindo suas funções, elaborando seu próprio espaço/sítio/página, seu mundo, sua memória, seu arquivo, seu *blog*, realizando postagens e exercitando um olhar crítico para o que fosse postado. Na medida do possível, esse jovem aprendeu e desenvolveu novas habilidades que poderão influenciar sua visão de mundo e de realidade, sua elaboração de perspectivas de futuro e de projetos para sua vida.

Ser cidadão é saber-se sujeito de direitos, mas para ser sujeito de direitos é preciso um grau de autoconhecimento e de leitura crítica da realidade que possibilite ao indivíduo compreender-se como sujeito com intenções, desejos, expectativas e como sujeito histórico e social (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007b, p. 356).

4 Resultados encontrados e compartilhados

Os recursos utilizados promoveram o contato com equipamentos e técnicas diversificadas que estão presentes na realidade dos jovens, do lugar de expectador/receptor, mas são poucas as vivências

que os jovens aos quais o projeto se voltou possuem como produtores; portanto, foi sendo gestada a descoberta de habilidades e possibilidades inimagináveis para esses jovens, assim como potentes experiências expressivas e criativas.

Procurou-se garantir um espaço competente para o desenvolvimento de opiniões e (re)elaboração de conceitos, em que o sujeito pudesse influenciar ou ser influenciado, trocando com o *outro*. A exploração de diversos recursos artísticos abrangeu linguagens e significados diferentes, ampliando as formas de comunicação verbais e não verbais e (re) significando conceitos preconcebidos sobre arte e cultura. Esses conceitos puderam ser reelaborados ou transformados com exercícios de escrita, reflexão e discussão coletivos, a fim de criar oportunidades para a construção/explicitação e para o debate de opiniões em um espaço livre.

Juntamente com o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre algo, sobre o momento e sobre o outro, pôde-se gerar também uma reflexão sobre o indivíduo mesmo. A sensibilização do olhar para si, para o coletivo, para a *oficina*, para o equipamento social (Centro da Juventude) e para a comunidade e sua realidade influenciam na construção de representações e identidades culturais, o que possibilita a transformação do entendimento e dos significados sobre a vida e sobre a realidade, contribuindo para a geração de projetos e perspectivas de futuro entre os sujeitos.

O contato com o *blog* incentivou, primeiramente, o acesso ao computador e aos conteúdos presentes na rede mundial de computadores, contribuindo para o crescimento do repertório cultural dos jovens; posteriormente houve a aproximação com as diferentes funções e alcances do *blog*. A estratégia de aliar outros recursos midiáticos se mostrou atrativa, interativa e ampliou as possibilidades de experimentação.

A escolha de quais materiais seriam divulgados nas postagens promoveu tanto uma reflexão sobre as *oficinas* como uma identificação do que havia sido mais interessante e significativo para o grupo nas atividades desenvolvidas. A introdução desses materiais na realidade virtual da internet, sem fronteiras e sem limites de alcance, gerou uma potencialização da população e de suas ações e produções, ressignificando, valorizando e divulgando uma realidade mais fidedigna. O *blog* permitiu, ainda, a memorização e o arquivamento de todo o processo vivido, como um álbum ou um caderno de memórias, ou um diário virtual do projeto.

O grupo participante elaborou novas formas de comunicação, enviando, recebendo e trocando mensagens com diferentes pessoas (conhecidas ou não), ao mesmo tempo e através da mesma página, promovendo uma relação entre os conteúdos de um espaço privado (indivíduo, grupo, comunidade em que se vive) com um espaço público (indivíduos, grupos e comunidades externas e/ou distantes). Isso criou oportunidades para uma reflexão e valorização sobre os papéis do sujeito na sociedade, os quais não são fixos ou permanentes, e para o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento ao grupo, às *oficinas*, ao equipamento social, à comunidade e, igualmente, à sociedade.

Os equipamentos e as técnicas trouxeram uma aprendizagem prática e material para o campo simbólico e das representações que envolvem as relações sociais e culturais entre os jovens. A relação com a cultura ultrapassou o contato com a tecnologia, pois a configuração do suporte artístico-cultural estimulou a expressão artística e reflexiva, despertando a criatividade e gerando processos criativos. Essas vivências originam novos significados e novas conexões socioculturais, que permitem interferir no cotidiano, engendrando a emancipação do sujeito; ademais, contribuem para a produção de subjetividades e de identidades, redefinindo lugares no mundo (CASTRO; SILVA, 2007).

5 Considerações finais

A participação social, os processos criativos e comunicacionais contribuem para a formação de sentimentos de pertencimento que, por sua vez, promovem a formação de identidades individuais, considerando as subjetividades individuais e coletivas (FELIPE, 2007; SILVA, 2007). Para elaborar sentimentos de pertencimento, antes há o conhecimento de um determinado espaço-tempo social e uma identificação com ele: trata-se de um processo de elaboração que nunca cessa, “[...] tal busca define as identificações que por sua vez estão enraizadas nas diversas formas de expressões de vida em cada indivíduo [...]” (SILVA, 2007, p. 95).

É através do sentimento de pertencimento que se constrói um entendimento sobre a cidadania e é possível perceber-se pertencente, o que “[...] garante uma base segura para a construção de uma ‘noção de cidadania’, ao mesmo tempo consciente e responsável [...]” (SIMSON, 2007, p. 261).

Reconhecer o lugar e a realidade em que se vive é tão importante quanto o reconhecimento de si

mesmo, por esse motivo há a preocupação com a sensibilização do olhar do indivíduo para si, para o coletivo, para as *oficinas*, para o equipamento social (Centro da Juventude), para sua comunidade e para a sociedade. Por isso, então, a necessidade de criar estratégias para a compreensão e transformação dos significados sobre a vida e a realidade em que se vive. O fortalecimento de sua própria identidade deve ser valorizado, em detrimento daquela depositada por uma visão social fruto da profunda desigualdade entre nós, enquadrada em uma óptica estigmatizante socialmente, enraizada no desconhecimento da realidade. Por vezes, esses jovens não dispõem de meios suficientes para participar ativamente da construção de sua própria identidade, existem chances de vestirem essa máscara identitária. “A invisibilidade de uns serve à invisibilidade que mais importa, aquela que sustenta uma certa visão de mundo” (ATHAYDE; BILL; SOARES, 2005, p. 219).

Tanto a identidade quanto o pertencimento são influenciados por decisões que o indivíduo toma, pelos caminhos que percorre e pela maneira como age (BAUMAN, 2005). A identidade, fortalecida pelos laços de pertencimento, está pautada por experiências, por vivências e pela vivência cotidiana de espaços e tempos. Recriam-se essas experiências, é possível recriar as identidades, ao mesmo tempo em que as identidades são condicionadas por experiências, algumas experiências também são condicionadas pela identidade (FIGUEIREDO, 2007).

Com o avanço da tecnologia, aumentaram as oportunidades de acesso a dispositivos que transgridem as fronteiras territoriais e socioculturais, entre outras, o que permite vivências e experimentações antes não viáveis. É possível se movimentar com facilidade por diferentes universos linguísticos e incorporar criações culturais (BAUMAN, 2005). O *blog* é um exemplo de ferramenta que contribui para a participação ativa na construção de identidades, um fator fundamental para a tomada de consciência do real.

O incentivo à participação positiva, ou seja, a atitude de sujeitos ativos em todo o processo, implica numa tomada de consciência prévia, que deve ser valorizada. Para isso, nas *oficinas* criou-se um espaço de escuta e expressão aliado a práticas dialógicas que visavam à ampliação da participação social, em que o fazer junto era o núcleo da práxis, colaborando para o aprendizado e a vivência de técnicas, para a utilização de equipamentos, para o acesso a redes de relações mais complexas, para a liberdade de expressão e o incentivo à criação, para

o “fazer junto” e para a solidariedade. É através da conscientização e do diálogo, da ação e da reflexão que se torna possível transformar o mundo em que se vive; transformação que deve ser buscada em conjunto, através do fazer e da ação em cooperação (FREIRE, 2010).

Utilizar o *blog* significou um meio de exposição de ideias livres, um potencializador da voz de quem geralmente não tem espaço para falar. Ser jovem e ser pobre, com grau de escolaridade baixo, sem vínculo empregatício são motivos para a desvalorização social. O *blog*, com as ferramentas da internet, traduz uma tecnologia social potente para ampliar as relações de comunicação, para levar a voz de uma história contada por quem a vive.

A intervenção, lançando mão desses recursos, lidou com sucessivos processos articulados de exteriorização e interiorização, produzindo a consciência de novos papéis, de novas oportunidades e, inclusive, de novas dificuldades a serem enfrentadas.

O que não se pode deixar de considerar é que a internet apresenta oportunidades; contudo, ela não potencializa ninguém apenas com a existência da rede. Estar na rede é ter acesso a todo tipo de informação; porém, para conquistar um lugar/papel valorizado, é preciso considerar uma inserção participativa e politizada e uma ação consciente. Uma inserção consciente na realidade virtual significa uma não privação de ações no mundo real, ou seja, a participação no mundo virtual não prescinde daquela no mundo real. Por isso, defende-se a garantia do acesso (enquanto direito), e que seja consciente, pois é sabido que os meios de comunicação interferem diretamente na formação das pessoas.

Avaliando-se, o projeto de utilização do *blog* também enfrentou dificuldades e conquistas lentas. Foi visível, no início, a dificuldade de compreensão da ferramenta pelos participantes, o que dificultou a adesão à proposta. Enfrentou-se a rotatividade dos participantes nas *oficinas*, faltas frequentes, ou mesmo a dificuldade de se manter o interesse numa proposta que, para sua realização mais plena, demandava mais tempo. As *oficinas* eram abertas e não houve o enquadramento de regras mais rígidas entre seus participantes no espaço, como estratégia metodológica, eles tinham liberdade de entrar, sair e participar quando quisessem.

Outra constatação foi a da necessidade da presença de apoio da equipe, com a qual os jovens possuíam uma vinculação prévia e depositavam confiança, para orientar nas ações de manutenção

do *blog*. Sem os acompanhamentos, a maioria dos participantes não conseguia concluir o que se propunha a fazer, eles precisavam de incentivo. Manter o interesse juvenil não é uma tarefa simples, são indivíduos com personalidade e necessidades pulsantes, inquietas, que dificilmente se fixam em ações sem que haja incentivo e desejos envolvidos.

Embora se fale em globalização, a difusão de informação e de conhecimento, o acesso e a participação ainda continuam sendo privilégios de uma parcela da população mundial. Com suas dificuldades e facilidades, o projeto de elaboração, inserção e utilização do *blog* cumpriu seu papel nesse cenário.

A proposição de um *blog* e os processos dele decorrentes, portanto, constituíram um importante recurso para a Terapia Ocupacional Social, tendo aberto espaços para a elaboração de diferentes criações e formas de incentivo aos sujeitos para os quais volta a sua ação. Consideraram-se as capacidades criadora e transformadora dos participantes que, ao produzirem bens materiais em suas relações com a realidade, também produzem instituições sociais, seus ideais e suas concepções (FREIRE, 2010).

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” (FREIRE, 2010, p. 90).

Referências

- AMARILLA FILHO, P. Educação e a cultura da informática. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 43-57, jun. 2008.
- ATHAYDE, C.; BILL, M. V.; SOARES, L. E. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BARROS, D. D.; ALMEIDA, M. C.; VECCHIA, T. C. Terapia ocupacional social: Diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 128-134, set./dez. 2007.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Novos espaços, novos sujeitos: a terapia ocupacional no trabalho territorial e comunitário. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs.). *Terapia ocupacional: Fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007a. p. 354-363.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: Concepções e perspectivas. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs.). *Terapia ocupacional: Fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007b. p. 347-353.
- BAUMAN, Z. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- BRASIL. Ministério da Cultura. *Metas do Plano Nacional de Cultura*. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/12/Vers%C3%A3o_Final_MetasPNC.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.
- CARNICEL, A. Fanzine. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 157-158.
- CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas. Interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007.
- CASTRO, E. D.; SILVA, R. J. G. Processos criativos e terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 71-75, 1990.
- DIAZ BORDENAVE, J. E. *O que é comunicação*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- DIAZ BORDENAVE, J. E. *O que é participação*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FELIPE, M. Rede social. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 247-248.
- FIGUEIREDO, G. M. Identidade e pertencimento. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 169-170.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- HEWITT, H. *Blog: Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
- LOPES, R. E. Terapia ocupacional social e a infância e a juventude pobres: Experiências do Núcleo UFSCar do Projeto METUIA. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 5-14, 2006.
- LOPES, R. E.; SOUZA, L. B. *Memória e ação territorial: Da história do Jardim Gonzaga às bases de intervenção em terapia ocupacional social*. São Carlos: UFSCar, 2010 (Relatório Final de Iniciação Científica).
- LOPES, R. E. et al. Educação profissional, pesquisa e aprendizagem no território: notas sobre a experiência de formação de terapeutas ocupacionais. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 34, p. 140-147, 2010.
- LOPES, R. E. et al. Juventude pobre, violência e cidadania. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 63-76, jul./set. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300008>
- LOPES, R. E. et al. Jovens talentos de Gonzaga: Vinculando indivíduos – a la red real y virtual. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 8., 2011, La Plata. *Anais... La Plata: ATOPBA*, 2011a. p. 1-6.
- LOPES, R. E. et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface: Comunicação saúde educação*, Botucatu, v. 15, n. 36, p. 277-288, jan./mar. 2011b.
- PERUZZO, C. M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. *Revista Científica Digital*, v. 4, n. 1, out./dez. 2002. Não paginado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2014
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário de comunicação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2002.
- SANTOS, M. H. Audiovisual e imagens em movimento. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 69-70.
- SANTOS, M. S.; GRÜN, C. F. O conceito de participação segundo Ammann. In: SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL, 2., 2005, Cascavel. *Anais... Cascavel: Unioeste*, 2005. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/poster/servico_social/pss25.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.
- SCHERER-WARREN, I. Redes sociais na sociedade de informação. In: MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S (Orgs.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanistas), 2006. p. 215-227.
- SCHITTINE, D. *Blog: Comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SECOTTI, L. Fotografia. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 159-160.
- SENNETT, R. *Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SILVA, C. R. Construção de identidades. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 95-96.
- SILVA, C. R. *Percursos juvenis e trajetórias escolares: Vidas que se tecem nas periferias da cidade*. 2012. 332 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- SILVA, C. R.; LOPES, R. E. *Talentos juvenis do Gonzaga*. São Carlos: Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar, 2009. (Projeto de atividade de extensão universitária).
- SIMSON, O. R. M. Sentimento de pertencimento. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*.

- Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 261-262.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. *Enciclopédia Intercom de comunicação*. São Paulo, 2010.
- VASCONCELOS, C. Participação política. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp: CMU, 2007. p. 223-224.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2013: Mortes matadas por arma de fogo*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 2013. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf> Acesso em: 19 mar. 2014.

Contribuição dos Autores

Carla Regina Silva e Roseli Esquerdo Lopes foram responsáveis pela orientação do trabalho e pelas análises realizadas. Isadora Cardinalli realizou a coleta e a análise dos dados. Todas as autoras são responsáveis pela redação e revisão do texto.

Notas

- ¹ Este trabalho é resultado de parte da intervenção realizada por meio do projeto de extensão universitária Talentos Juvenis do Gonzaga, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, assim como do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional Blog como Intervenção para a Terapia Ocupacional Social: Comunicação, Participação Social e Potencialização de Sujeitos, ambos da Universidade Federal de São Carlos.
- ² A rede mundial de computadores pode ser considerada um meio de comunicação que integra os conceitos de mídia, multimídia e/ou hipermídia. Já o termo mídia designa os meios de comunicação. Pode ser categorizado em mídias impressas (jornal, revista, folheto etc.), eletrônicas (televisão, rádio, CD, vídeo, cinema, internet etc.) ou tradicionais (lineares: telefone, fotografia, rádio, cinema, televisão, jornal, revista, *outdoor* etc.) e digitais (utilizadas em rede, *on-line*, com interatividade em que o receptor pode coparticipar da mensagem) (RABAÇA; BARBOSA, 2002; SOCIEDADE..., 2010).
- ³ Trata-se de acidentes causados por disparos de armas de fogo, veículos de transporte, envenenamento, queimadura, afogamento, entre outros.
- ⁴ Conceitualmente, é o meio de comunicação o canal ou cadeia de canais que ligam a fonte ou emissor ao receptor, através de um tipo de linguagem ou código (RABAÇA; BARBOSA, 2002). As primeiras formas organizadas de comunicação humana são a linguagem oral e a gestual, mas compreende-se que suas formas evoluíram de acordo com conquistas dos seres humanos, como é o caso da tecnologia da informação.
- ⁵ A internet liga mundialmente os computadores através de canais entre quaisquer computadores conectados na rede. A complexidade de caminhos dessa rede implica possibilidades de trocas, idas e vindas de mensagens e informações e possibilita ao indivíduo ser receptor e transmissor ao mesmo tempo.
- ⁶ *Blog* ou diário virtual (*on-line*) é uma ferramenta da rede com possibilidades hipermidiáticas (interativas). O termo *blog* é a contração da expressão inglesa *weblog* (*web* = teia/rede e *log* = diário), portanto, é uma espécie de diário mantido na internet por um ou mais autores regulares (HEWITT, 2007). O que é publicado por uma pessoa pode ser lido e comentado por outra sem que elas tenham relações face a face (SCHITTINE, 2004).
- ⁷ Projeto de extensão universitária vinculado às ações desenvolvidas pelo Núcleo UFSCar do Programa METUIA – Terapia Ocupacional no Campo Social, nos anos de 2010 e 2011, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
- ⁸ Todas as imagens utilizadas no *blog* foram autorizadas pelos participantes por meio de declaração, permitindo-se o uso da imagem para divulgação em meio de comunicação do programa extensionista.
- ⁹ Audiovisual significa, resumidamente, a união de som e imagem. Os exemplos mais comuns são cinema, televisão, vídeos, conteúdos multimídia etc. Som pode compreender ruídos, ambientações, palavras, músicas, efeitos sonoros criados e, inclusive, o silêncio (como pausa). As imagens podem ser utilizadas em formato estático – fotografias –, ou em movimento (SOCIEDADE..., 2010).
- ¹⁰ O fanzine possui as seguintes características: perfil informal, publicação pautada pela liberdade de criação, defesa da garantia de uma independência em suas informações, atualização e autenticidade de seus textos e experimentação de estéticas e linguagens, que geram uma variedade infinita de formatos e apresentações gráficas. Como meio de comunicação, é um espaço ideal para práticas sociais, pois seria um dos meios mais democráticos para a exposição de talentos, com limitações e individualidades respeitadas (SOCIEDADE..., 2010; CARNICEL, 2007).